São Paulo. Edições Loyola, 2000. (O coordenador pedagógico e a formação docente).

CORTEZ, Célia; BAROUKH, Josca Ailine; ALVES, Maria Cristina Carapeto L.. Interações: diálogos com as inquietações dos educadores da primeira infância.

São Paulo. Editora Blucher, 2012. 164 p.

HADDAD, Lenira. Políticas integradas de educação e cuidado infantil: desafios, armadilhas e possibilidades. 2006. 28 f. Pesquisa científica. Centro de Educação da

Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0236129.pdf>. Acesso em: 09 set. 2014.

HADDAD, Lenira. Tensões universais envolvendo a questão do currículo para a educação infantil. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2010. 632 p. (Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente). Organização de Isabel Cristina Alves da Silva Frade... [et al.].

IMBERNON, Francisco. Escola, formação de professores e qualidade do ensino. 1ª ed. São Paulo. Editora Melo. 2011, 112 p.

IMBERNON, Francisco. Formação docente e profissional - formar-se para a mudança e a incerteza. 9ª ed. São Paulo. Editora Cortez. 2011,128 p.

KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. Revista Educação & Sociedade, v. 18, n. 60. Campinas, 1997. Disponível em < h t t p : / / www.scielo.br/scielo.php/script_sci_serial/pid_0101-7330/lngpt/nrmiso> Acessado em 22 set. 2014. PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Pedagógica da Educação Infantil. Pinhais: 2005.

LIMA, Elvira Souza. Como a criança pequena se desenvolve. 2ª ed. São Paulo. Editora Sobradinho. 2009, 32 p.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 8ª ed. Brasília.

Editora Cortez. 2000.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PROPÕEM AS NOVAS DIRETRIZES NACIONAIS? ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, MG:

FFCLRP-USP e Ise Vera Cruz, 2010. 14 p.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil: saberes e fazeres da formação. 1ª ed. Campinas. Editora Papirus. 2006, 144 p.

PANTALENA, Eliane Sukerth. O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia e Educação, USP,

São Paulo, 2010. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/ELIANE_SUKERTH_PANTALENA.pdf. Acesso em: 15 set. 2014.

PEREIRA, Renata Marcondes. O ser criança na sociedade atual: Reflexões sobre o trabalho pedagógico do professor. 2011. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

PLACCO, Vera Maria N. de Souza. Formação e prática do educador e do orientador: confrontos e questionamentos. 2ª ed. Campinas. Editora Papirus, 1994.

Revista Brasil Escola. Cuidar e ensinar: pensando as relações família-escola. Acesso em: 09 out. 2014. Disponível em: http://www.brasilescola.com/educacao/cuidar-ensinarpensando-as-relacoes-familiaescola.htm

ROSSEAU, Jean-Jacques. Emílio ou Da educação. 3ª ed. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2004.

São Bernardo do Campo –SP, 2012. Projeto Político Pedagógico – EMEB "Graciliano Ramos".

TÉBAR, Lorenzo. O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2011. 552 p. Tradução de Priscila Pereira Mota.

PRÁTICAS NA SALA DE AULA COM FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DIGITAIS

RAQUEL LUJAN CAMILO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo mostrar que as práticas em sala de aula, especificamente no Ensino Básico, nos anos iniciais, têm sido repensadas ao longo dos anos face aos avanços tecnológicos humanos intensificados pelo uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação – as TDCIs-, e como essa tendência traz, cada vez mais, potencial para ajudar no processo de alfabetização e letramento, criando possibilidades nas práticas docentes em sala de aula e aprofundando o aprendizado do aluno que, de modo geral, já faz uso dessas ferramentas no mundo real- pela sua interação social com os outros ou com o objeto em si. A metodologia usada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Sala de aula; Anos iniciais; TDCIs; Práticas docentes; Aprendizado; Interação social.

ABSTRACT

This article aims to show that classroom practices, specifically in Basic Education, in the early years, have been rethought over the years in the face of human technological advances intensified by the use of Digital Communication and Information Technologies - the TDCIs-, and how this trend increasingly brings the potential to help in the literacy and literacy process, creating possibilities in teaching practices in the classroom and deepening student learning, who, in general, already make use of these tools in the real world. by their social interaction with others or with the object itself. The methodology used for the elaboration of this article was the bibliographic research.

Keywords: Classroom; Initial years; TDCIs; Teaching practices; Apprenticeship; Social interaction.

RESUMEN

Este artículo pretende mostrar que las prácticas de aula, específicamente en la Educación Básica, en los primeros años, han sido repensadas a lo largo de los años frente a los avances tecnológicos humanos intensificados por el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación Digital -las TDCIs-, y cómo esto tendencia trae cada vez más el potencial para ayudar en el proceso de lectoescritura y lectoescritura, creando posibilidades en las prácticas docentes en el aula y profundizando el aprendizaje de los estudiantes, quienes, en general, ya hacen uso de estas herramientas en el mundo real por su interacción social con otros o con el objeto mismo. La metodología utilizada para la elaboración de este artículo fue la investigación bibliográfica.

Palabra clave: Aula; Años iniciales; TDCI; Prácticas docentes; Aprendizaje; Interacción social.

INTRODUÇÃO

Graças à revolução digital da sociedade humana contemporânea as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDCIs) tomaram conta da organização da vida das pessoas, trazendo à escola também essas novas formas à prática docente. As TDCIs se tornaram grandes ferramentas metodológicas na sala de aula uma vez que encontramos vastos materiais para aprendizagem por simulação ou ainda de interação real na internet, games, televisão, música entre outros. Elas trazem novas expectativas no âmbito da educação e são de grande valia ao professor para o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à autonomia dos estudantes em sala de aula. Tanto as habilidades de escuta, de oralidade, de leitura e de escrita são desenvolvidas com a parceria dessas ferramentas ou ainda auxiliam no processo de aprendizagem dos alunos, uma vez que a maioria das crianças já estão inseridos neste universo virtual. Segundo dados da Cetic.br (1), 96% dos domicílios brasileiros têm pelo menos 1 televisão e ainda 93% dos lares têm 1 telefone celular disponível para a comunicação, interferindo diretamente na educação da criança pré-escolar e ao longo de todo seu processo como indivíduo social pelo nível de exposição a tais recursos. As práticas escolares sociointeracionistas podem se desenvolver com maior assertividade atreladas às TDCis, trazendo ao universo educacional maiores ganhos no desenvolvimento do letramento e dinâmica na aprendizagem dos alunos. Belloni e Gomes (2008, p. 734), apontam que "a sala de aula convencional deve parecer às crianças linear, sem graça e totalmente desinteressante, senão pelos conteúdos (que podem interessar às crianças), certamente pela forma (magistral, hierárquica, expositiva, com quadro de giz e pouquíssimas imagens)".

Neste sentido, a diversificação dos métodos de ensino, além do uso de ferramentas tecnológicas, como resolução de tarefas e problemas, aulas invertidas, atividades em equipes, projetos entre outros, propiciam ao processo de ensino e aprendizagem o desenvolvimento de performances individuais e interações com outros agentes externos – o outro e o ambiente - parecidos ou idênticos aos desafios do mundo real como auxiliares externos. São dispositivos diversos que facilitam as relações do homem com dados digitais produzidos por outros homens ou interpretados pela inteligência artificial de máquinas: smartphones, smart tvs, notebooks, ts, gps entre outros nos conectam ao mundo digital através da internet ou em plataformas virtuais como é o caso dos games.

Assim como a aprendizagem do século XXI (UNESCO, 2015) está alinhada às necessidades de inclusão tecnológica, ela traz a necessidade de um ensino misturado por atividades on-line, do mundo virtual, digital e off-line, sem a mesma necessidade.

2. USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A ampliação do conhecimento na área das TIC, seu uso e acessibilidade têm modificado a maneira de os seres humanos se relacionarem uns com os outros e nesse contexto de pandemia a qual estamos vivenciando profissionais de várias áreas são desafiados constantemente a acompanhar e manusear esses recursos tecnológicos. Na educação não é diferente, embora com algumas resistências, escolas e professores foram impulsionados a incluírem as TIC no processo de ensino e aprendizagem durante as aulas remotas.



Figura 1: Ilustração tecnologias digitais em sala de aula

De acordo com Mercado (1999, p. 9), TIC pode ser definida como termo utilizado para designar os recursos tecnológicos que envolvem o uso de computadores e redes telemáticas (Internet), que são o conjunto de processos e produtos derivadas da Informática, suportes de informação e canais de comunicação relacionados com armazenamento, processamento e transmissão digitalizada de informações.

Apesar de evidenciarmos a importância das TIC, quando bem utilizadas para o desenvolvimento de habilidades e competências durante o ensino remoto, percebemos problemas relacionados ao seu uso tanto com professores quanto com alunos. Corroborando com essa ideia, Ferreira e Ciganda (2014) relatam que além de problemas relacionados ao processo de formação desses educadores, muitos professores e alunos sofrem com dificuldades básicas para uso das tecnologias, como o acesso à internet precário ou inexistente e a falta de aparelho smartphone ou computador - o que praticamente inviabiliza o uso das TIC na mediação da aprendizagem remota. Portanto, sabemos que ter bons recursos tecnológicos não garante a aprendizagem, entretanto, ter bons aparatos tecnológicos como internet de qualidade e infraestrutura de maneira geral intermediado por atividades e metodologias significativas podem tornar a aula mais fluída, mais interativa e mais harmoniosa tanto para professor como para o aluno.

Como forma de solucionar o problema citado acima, durante as aulas remotas as escolas utilizam de outros meios educativos como a utilização de apostilas com material e atividades impressas para atenderem aqueles alunos que não tem acesso à internet. De acordo com os estudos de Borstel et al. (2020), durante o ensino remoto constatou-se que para os alunos que não dispõe de transporte ou meios para buscar as atividades impressas na escola, a mesma organiza uma logística para entrega do material nas residências dos alunos, porém verificou que menos de 10% dos alunos retiram o material impresso disponibilizado pela escola e quando retiram boa parte não devolve as atividades realizadas.

É importante considerar que durante essas aulas remotas para o professor manter o contato com o aluno e colocar em prática seu plano de aula, o uso de diferentes plataformas digitais é praticamente inevitável. Essas plataformas se apresentam em cada parte do processo, seja para elaborar atividades, seja para realizar vídeo chamadas, seja para se comunicar, seja para realizar avaliações, etc. Por isso a importância sobre o domínio das tecnologias, pois o professor precisa saber manusear todas essas questões inclusive o conhecimento das possibilidades e limitações de cada plataforma (Paludo, 2020).

De acordo com Valle e Marcom (2020), neste novo cenário de aulas remotas os professores enfrentam diversos desafios, na qual podemos citar a exigência de lecionar seguindo um novo perfil em que habilidades comunicativas são fundamentais, outro desafio apontado remete à necessidade de romper com paradigmas e práticas que cresceram como indiscutíveis, indissolúveis e intransponíveis. Ressaltamos que além desses desafios, outros se destacam como a dificuldade no uso de tecnologias por boa parte dos professores, a desmotivação dos alunos e a falta de participação e de execução das atividades propostas durante as aulas (Souza et al., 2020).

Dessa forma, ser professor nesse tempo de pandemia não tem sido tarefa fácil, pois o próprio ensino remoto tornou-se um desafio para esses profissionais que precisaram aprender na prática a usar as TIC e criar novas estratégias de ensino para desenvolver as suas aulas diante de uma realidade muito adversa.

Saraiva (2020, p. 17-18) afirma que: “nem escolas, nem redes de ensino, conseguiram, em um primeiro momento, desenvolver planejamentos abrangentes e produzir orientações claras sobre como os docentes deveriam proceder”. Assim percebemos que a desorientação é geral e que nem mesmo os órgãos que poderiam auxiliar o professor nesse momento conturbado conseguem exercer tal papel.



Figura 2: Dicas de tecnologias educacionais para a sala de aula. Disponível em: https://www.arvore.com.br/blog/como-a-tecnologia-pode-ajudar-na-sala-de-aula

3. DESENVOLVIMENTO

Como o professor muitas vezes acaba criando certa afinidade com os recursos mais comuns disponíveis nas escolas- giz, lousa, livros e apostilas didáticas geralmente disponíveis-, cria-se a falsa ideia de que as Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação fazem parte de uma realidade distante das escolas brasileiras. O acesso à conectividade e aos recursos tecnológicos como o computador está ainda longe de tornar a escola pública brasileira livre da exclusão digital. Conforme dados coletados até 2013, pelo Censo de Educação Básica 2013 do Ministério da Educação e tabulados pelo Todos Pela Educação para o Observatório do Plano Nacional da Educação, a universalização digital é a Meta 7 do Plano Nacional de Educação (PNE) que tem prazo de dez anos para ser cumprido. Até 2013 o número de alunos por computador aumentou, porém o resultado ainda está aquém do necessário, não significando ainda que problemas de acesso de infraestrutura contribuam para agravar esses números. Apesar dos dados a serem ampliados, ainda no ano de 2013, não podemos deixar de relevar que a cada ano diminuem os problemas de acesso precário a equipamentos. A falta do olhar à formação específica inicial e de formação continuada docentes para a área de metodologias e estudos para a aplicação tecnológica ao ensino público, apesar de ainda terem precarizações, já tem maior número de pesquisas e interesse acadêmico.

A problemática das universidades não oportunizarem aos futuros professores disciplinas relevantes às necessidades e demandas metodológicas do ensino na escola pública brasileira, que estão prevista na LDBEN e Conselho Nacional de Educação ainda é recorrente. Mesmo que o termo tecnologias de informação e comunicação (TCIs) e, mais contemporaneamente tecnologias digitais de comunicação e informação (TDCIs) ainda não serem diretamente abordados nos documentos, observamos o trecho da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira que vê a importância acadêmica:

Parágrafo 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os municípios, em regime de colaboração deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos professores de magistério; Parágrafo 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação à distância. Parágrafo 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação à distância.LDB (9394/96)

Nela é apontada a competência de todos os órgãos que oferecem educação no território brasileiro ofertarem a capacitação necessária docente frente às novas necessidades sociais que a escola enfrenta em relação à inclusão digital dos alunos. E ainda, que a escola precisa estar atenta e preparada para adentrar cada vez mais no universo do ensino à distância e às tecnologias necessárias para essa modalidade de ensino. É crescente a demanda a conteúdos infantis pela internet. Usando tabletes e smartphones cada vez mais cedo, as crianças acabam ganhando protagonismo na internet e no uso das tecnologias digitais. O site Tecmundo mostrou uma pesquisa feita pela Rede Snack, uma multiplataforma brasileira de vídeos sociais com um ranking dos dez canais mais vistos pelas crianças no YouTube e também os mais influentes, em 2018



Figura3: Valorizar a internet é recorrer a sites educativos. Disponível em: https://blog.academiawashington.com.br/7-dicas-de-como-usar-a-tecnologia-na-sala-de-aula-emotivar-alunos/

A pesquisa foi realizada em outubro daquele ano, pela área de tendência da empresa, a Snack Intelligence, que seria responsável pelo monitoramento e análises do mercado de audiovisual digital, com métricas de engajamento, número de visualizações, número de inscritos, frequência de publicação, atividade do canal, entre outros itens na internet de conteúdo brasileiro. A verificação da pontuação dos mais influentes (Influencer Score – IS), a empresa levou em consideração o alcance, a frequência de postagem e a capacidade de influenciar a audiência.

O ranking dos canais mais assistidos foi construído com base no número de visualizações de cada canal e se apresentou assim:

• Canal Galinha Pintadinha – 9,8 bilhões de visualizações

• Turma da Mônica - 7,1 bilhões

• rezendeevil - 6,9 bilhões

• AuthenticGames - 6,2 bilhões

• TotoyKids - 6,1 bilhões

• Felipe Neto - 4,8 bilhões

• Luccas Neto - 4,6 bilhões

• TazerCraft - 3,7 bilhões

• Erlania e Valentina - 3,2 bilhões

• Paulinho e Toquinho - 2,8 bilhões

• Influencer Score

• Felipe Neto - 1.042

• Luccas Neto – 959

• rezendeevil – 947

• Irmãos Neto – 923

• Camila Loures – 909

• Enaldinho – 908

• AuthenticGames – 902

De acordo com o site www.escolaeducacao.com.br o youtube é ocanal mais acessado no Brasil e no mundo. E cada vez mais comum crianças dominando o uso dessa plataforma e criando seus próprios canais, com produção autoral de conteúdos e auxílio dos próprios pais. Cada vez mais crianças são atraídas para o site, gerando muito popularidade para canais de conteúdo dessa faixa etária, atingindo marcas surpreendentes de popularidade, como é o caso do canal "Erlania e Valentina". A menina com apenas 7 anos, produz vídeos junto com sua mãe sobre conteúdo variado – cotidiano, viagens, desafios, historinhas. Seu canal já possui mais de 16 milhões de inscritos.

Esses alunos chegam à sala de aula com toda essa bagagem de informação e muitos sonhos ligados a esse mundo virtual. E muitas vezes, acabam por vivenciar na escola um lugar primitivo, fora do mundo real, sem motivações tecnológicas, criando apatia ao conhecimento que circula nesse ambiente. Se em casa, ela aprende por games em ambiente virtual, com simulação do real, por qual motivo a escola também não poderia se aproveitar dessas ferramentas tecnológicas para promover o aprendizado de forma a protagonizar seus agentes?

Pensando assim, a Google criou o aplicativo google classroom para auxiliar professores ao redor do mundo. A ferramenta conta com a versão em 42 idiomas, inclusive daqueles de escrita direita à esquerda, como hebreu, árabe e persa. Na plataforma que foi desenvolvida com a colaboração profissional de professores e lançada em 2014, há a capacidade para armazenar postagens das classes pelo professor e alunos das turmas, atividades desenvolvidas, testes e correções.

No momento de desenvolvimento deste artigo, em abril de 2020, o google classroom tem tido papel extremamente importante no uso por escolas públicas e privadas para adequar os espaços de estudos à distância, frente à necessidade de quarentena populacional por conta da pandemia global COVID 19, no Estado de São Paulo, além do uso de aplicativos específicos das redes de ensino para a Educação Básica – anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O site da Fundação Telefônica que oferece cursos gratuitos aos professores disponibiliza alguns aplicativos que complementam no processo de ensino e aprendizagem como o G Suite for Education, Arts &Culture, Kahoot!, LightBot, Recap, ProDeaf, entre outros. Vídeos com histórias, quizzes, oficinas, simulação de games, aplicativos como o Duolingousado para aprender idiomas, podem ser facilmente incorporados às sequências didáticas desenvolvidas pelo professor e aplicados em sala de aula. Exemplo disso seria o próprio professor disponibilizar vídeos em pendrives, se na escola houver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Philippe Perrenoud (2001) em Dez novas competências para uma nova profissão aponta a necessidade docente de se preparar para um novo olhar da profissão, entendendo que o próprio professor precisa se autocriticar para entender qual o percurso profissional que ele toma e para onde ele precisa ir.

É um olhar para dentro de si, um auto enfrentamento para se conhecer enquanto docente, e perceber quais caminhos tomar para os novos desafios como melhorar o trabalho na equipe escolar ou o entrosamento com seus próprios alunos, compreendendo o "time" em que faz parte; como fazer uso das tecnologias e ensiná-las para beneficiar a aprendizagem autônoma do aluno de forma consciente; como continuar a autorreflexão, a busca por especialização de si e valorização seu próprio trabalho, gerando uma onda de motivação e estímulo que reverbere diretamente nos estudantes. Observamos que Perrenoud indica uma competência específica às TDCIs, mas que de forma geral, o uso de ferramentas tecnológicas pode influenciar diretamente a efetividade do desenvolvimento das outras grandes "famílias" de competências docentes. Não apenas os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula são afetados por eles, mas também o engajamento de toda a comunidade escolar.

As TDCIs não são o fim ou o resultado final da aprendizagem em sala de aula. Engana-se o professor que pensa que seu uso exclui o seu papel como mediador. A mediação do conhecimento, o uso de ferramentas tecnológicas de forma consciente e as habilidades para se tornar um pesquisador no mundo virtual precisam ser ensinadas. Neste momento, professor precisa estar preparado para ser esse agente de transformação de consciência de etiqueta virtual – a netiqueta- para apoiar a construção da autonomia virtual do estudante na escola e na sua vida fora dela.

De acordo com Adelina Maria Pereira Silva (s. d., p. 01), mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta de Lisboa, os objetivos das regras da Netiqueta poderiam ser pontuados da seguinte forma: objetivam-se a deixar a Internet um lugar menos caótico e mais sadio, ensinando às pessoas que determinadas atitudes aparentemente inofensivas podem constranger, aborrecer, atrapalhar ou até mesmo agredir outros usuários, devendo ser evitadas. Elas ainda podem variar no campo da comunicação de